



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO **AUDIÊNCIA GERAL** Biblioteca do Palácio Apostólico

Quarta-feira, 3 de fevereiro de 2021 [\[Multimídia\]](#)

Catequese - 23. *Rezar na Liturgia*

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Na história da Igreja verificou-se repetidamente a tentação de praticar um cristianismo intimista, que não reconhece a importância espiritual dos ritos litúrgicos públicos. Muitas vezes, esta tendência reivindicou a presumível maior pureza de uma religiosidade que não dependesse de cerimónias exteriores, consideradas um fardo inútil ou prejudicial. O centro das críticas não era uma forma ritual particular, nem um determinado modo de celebrar, mas a própria liturgia, a forma litúrgica de rezar.

Com efeito, na Igreja é possível encontrar certas formas de espiritualidade que não souberam integrar adequadamente o momento litúrgico. Muitos fiéis, embora participassem assiduamente nos ritos, especialmente na Missa dominical, sorviam alimento para a sua fé e para a sua vida espiritual sobretudo de outras fontes, de tipo devocional.

Nas últimas décadas, houve muito progresso. A Constituição *Sacrosanctum Concilium*, do Concílio Vaticano II, representa o centro deste longo trajeto. Reafirma de modo completo e orgânico a importância da liturgia divina para a vida dos cristãos, que nela encontram a mediação objetiva exigida pelo facto de Jesus Cristo não ser uma ideia nem um sentimento, mas uma Pessoa viva, e o seu Mistério um acontecimento histórico. A oração dos cristãos passa por mediações concretas: a Sagrada Escritura, os Sacramentos, os ritos litúrgicos, a comunidade. Na vida cristã não prescindimos da esfera corpórea e material, porque em Jesus Cristo ela tornou-se o caminho da salvação. Poderíamos dizer que devemos rezar inclusive com o corpo: o corpo entra na oração.

Portanto, não existe espiritualidade cristã que não esteja enraizada na celebração dos mistérios sagrados. O Catecismo escreve: «A missão de Cristo e do Espírito Santo que, na liturgia

sacramental da Igreja anuncia, atualiza e comunica o mistério da salvação, prossegue no coração de quem ora» (n. 2655). A liturgia, em si, não é apenas oração espontânea, mas algo cada vez mais original: é um ato que fundamenta toda a experiência cristã e, por conseguinte, também a oração. É acontecimento, é evento, é presença, é encontro. É um encontro com Cristo. Cristo faz-se presente no Espírito Santo através dos sinais sacramentais: disto, para nós cristãos, deriva a necessidade de participar nos mistérios divinos. Um cristianismo sem liturgia, ousaria dizer que talvez seja um cristianismo sem Cristo. Sem o Cristo total. Até no rito mais despojado, como o que alguns cristãos celebraram e celebram nos lugares de prisão, ou no escondimento de uma casa durante tempos de perseguição, Cristo está verdadeiramente presente e doa-se aos seus fiéis.

A liturgia, precisamente devido à sua dimensão objetiva, deve ser celebrada com fervor, para que a graça derramada no rito não se disperse, mas abranja a vida de cada pessoa. O *Catecismo* explica-o muito bem e diz assim: «A oração interioriza e assimila a liturgia, durante e depois da sua celebração» (*ibidem*). Muitas orações cristãs não provêm da liturgia, mas todas elas, se forem cristãs, pressupõem a liturgia, ou seja, a mediação sacramental de Jesus Cristo. Cada vez que celebramos um Batismo, ou consagramos o pão e o vinho na Eucaristia, ou ungimos o corpo de um enfermo com o Óleo Santo, Cristo está ali! É Ele que age e está presente como quando curava os membros fracos de um doente ou quando, na Última Ceia, entregou o seu testamento para a salvação do mundo.

A oração do cristão faz sua a presença sacramental de Jesus. O que nos é exterior torna-se parte de nós: a liturgia expressa isto também no gesto muito natural de comer. A Missa não pode ser somente “ouvida”: também a expressão “vou ouvir Missa” não é correta. A Missa não pode ser só ouvida, como se fôssemos apenas espetadores de algo que escorre sem nos envolver. A Missa é sempre *celebrada*, e não apenas pelo sacerdote que a preside, mas por todos os cristãos que a vivem. E o centro é Cristo! Todos nós, na diversidade dos dons e ministérios, nos unimos na sua ação, porque Ele, Cristo, é o Protagonista da liturgia.

Quando os primeiros cristãos começaram a viver o seu culto, fizeram-no atualizando os gestos e a palavras de Jesus, com a luz e a força do Espírito Santo, para que a sua vida, alcançada por esta graça, se tornasse sacrifício espiritual oferecido a Deus. Esta abordagem foi uma verdadeira “revolução”. Na Carta aos Romanos São Paulo escreve: «Exorto-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, a oferecer os vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus: é este o vosso culto espiritual» (12, 1). A vida é chamada a tornar-se culto a Deus, mas isto não pode acontecer sem oração, especialmente a oração litúrgica. Que este pensamento nos ajude a todos quando vamos à Missa: vou rezar em comunidade, vou rezar com Cristo que está presente. Quando vamos à celebração de um Batismo, por exemplo, Cristo está lá, presente, que batiza. “Mas, Padre, esta é uma ideia, um modo de dizer”: não, não é um modo de dizer. Cristo está presente e na liturgia reza com Cristo que está ao teu lado.

Saudações:

Saúdo cordialmente os fiéis de língua portuguesa. Desejo que cada uma das vossas comunidades experimente um crescimento na vida cristã, através de uma plena, consciente e ativa participação nas celebrações litúrgicas. Lhes abençoo de coração!

APELO

Celebra-se amanhã o primeiro Dia Internacional da Fraternidade Humana, como estabelecido numa recente Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas. Esta iniciativa teve em conta também o encontro de 4 de fevereiro de 2019, em Abu Dhabi, quando eu e o Grande Imã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb, assinamos o [Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da paz mundial e da convivência comum](#). Muito me alegra ver as nações do mundo inteiro unidas nesta celebração, que visa promover o diálogo inter-religioso e intercultural. Por isso, amanhã de tarde, tomarei parte num encontro virtual com o Grande Imã de Al-Azhar, o Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, e outras personalidades. A referida Resolução das Nações Unidas reconhece «a contribuição que o diálogo entre todos os grupos religiosos pode prestar para melhorar a consciência e a compreensão dos valores comuns partilhados por toda a humanidade». Seja esta hoje a nossa oração e o nosso compromisso de todos os dias do ano.

Resumo da catequese do Santo Padre:

Muitas vezes, na história da Igreja, houve a tentação de praticar um cristianismo intimista, uma espiritualidade desvinculada dos ritos litúrgicos. Para superar isto, muito foi feito nas últimas décadas. Em particular, a Constituição [Sacrosanctum Concilium](#) reforça a importância da liturgia na vida do cristão, destacando que Jesus Cristo não é uma ideia ou um sentimento, mas uma Pessoa viva, e o seu Mistério um evento histórico. A oração dos cristãos se realiza através de mediações concretas: a Sagrada Escritura, os Sacramentos, os ritos litúrgicos. Assim, não existe espiritualidade cristã que não esteja enraizada na celebração dos santos mistérios. A liturgia é ação que fundamenta toda a vivência cristã e, consequentemente, também a oração. Cristo se faz presente pela ação do Espírito Santo através dos sinais sacramentais; por isso, um cristianismo sem liturgia é um cristianismo sem Cristo. Sempre que celebramos um sacramento Cristo se faz presente, como quando curava os doentes ou entregava-nos, na Última Ceia, o seu Corpo e Sangue para a salvação do mundo. Na liturgia aquilo que é externo a nós se torna parte de nós, e isto é expresso inclusive com o gesto tão natural do comer. Por isso a Missa não pode ser somente “ouvida”, como se fôssemos espectadores, mas é sempre celebrada; e, não somente pelo sacerdote que preside, mas por todos os cristãos que a vivem. A vida é chamada a tornar-se

culto a Deus, mas isto não acontecerá sem a oração, especialmente a oração litúrgica.